

Tab 1

Seminários

Homero e Suassuna: elementos biográficos nas Vidas antigas do poeta e em As Infâncias de Quaderna

Adriane da Silva Duarte

As Vidas de Homero constituem um caso à parte entre as vidas antigas de poetas em vista da relevância do biografado e do interesse que produzia entre os gregos já desde, pelo menos, o séc. VI a.e.c..

Concorda-se hoje que as Vidas do poeta, cujo número excede a de qualquer outro compositor antigo, constituem uma primeira e preciosa fonte para a recepção dos poemas a ele atribuídos. Essa recepção não se restringe à Antiguidade, mas difundiu-se ao longo dos séculos, de modo a cristalizar certos elementos biográficos na composição da figura do poeta, seja em relação ao seu nome e aos significados que se lhe atribui, seja um traço físico, como a cegueira característica. Minha proposta é estudar como traços dessas Vidas antigas se articulam numa peculiar recepção que Homero recebeu no nordeste do Brasil, na obra do escritor paraibano Ariano Suassuna, focando especialmente As Infâncias de Quaderna, segunda parte do romance História do Rei Degolado nas Caatingas do Sertão (2023, mas datado dos anos 1970).

As Etiópicas, de Heliodoro: um romance grego em contexto sírio

Roosevelt Rocha

Quando se fala sobre As Etiópicas, de Heliodoro de Emesa, os estudiosos costumam destacar as influências gregas, principalmente da Odisseia, de Heródoto, do Teatro, da Segunda Sofística e da literatura cristã dos primeiros séculos da era comum. Contudo, Morgan (1978) e Montiglio (2023- 2024) destacaram certas características formais e estilísticas que podem nos levar a pensar que Heliodoro pode ter sido influenciado por outras tradições. Essas características são as aliterações, as paronomásias e, principalmente, os homoteleutos, que nós também podemos chamar de rimas. Ora, o uso de rimas não é comum na literatura grega, mas parece ser algo mais usual nas literaturas semíticas, tal como nos textos aramaicos e siríacos que foram produzidos na mesma época em que viveu Heliodoro. Cabe lembrar que ele era de Emesa, a atual Homs, na Síria, cidade onde, no século IV, se falava uma variante do siríaco, que, por sua vez, é um tipo de aramaico. O que quero propor aqui é uma reflexão sobre a possibilidade de Heliodoro ter sido influenciado pela sua possível língua materna, o siríaco, e pela tradição poética produzida nessa língua. Quero propor uma comparação inicial com textos de São Efraim, autor que viveu na mesma época de Heliodoro e que foi o maior escritor cristão em língua siríaca daquele período e daquela região, com o objetivo de tentar detectar possíveis influências dele ou da sua língua no romancista grego.

Letras clássicas para os nossos tempos

Rodrigo Gonçalves

Nesta fala, apresento opiniões e argumentos para fomentar os estudos da antiguidade clássica greco-romana, tanto em nível de graduação quanto em nível de extensão para a comunidade externa, incluindo-se as escolas de educação básica. Partindo da ideia de que o aprendizado de latim e grego antigo são, em essência, desinteressados e desvinculados das urgências das línguas de trânsito (e, por isso mesmo, imunes à ameaça da inteligência artificial), e que proporcionam o prazer da presença e do estímulo intelectual na exploração das estruturas das línguas (incluídas a materna e as estrangeiras com as quais temos mais contato), no conhecimento de etimologia, etiologia, morfologia, sintaxe, estilística, retórica, história, filosofia, literatura, mitologia, política, questões de gênero, entre diversos outros domínios, parto para a relevância da formação de tradutoras e tradutores para recolocarem à disposição do

público leitor os textos da antiguidade em traduções confiáveis, agradáveis e bem-informadas que nos tragam esses textos para os nossos tempos, com todas as dificuldades e complexidades que nos assolam.

Costuras homéricas

Leonardo Antunes

Esta palestra traz os primeiros resultados de um trabalho de tradução do Centão Homérico de Élia Eudócia Augusta (401/402-460), imperatriz bizantina e consorte do imperador Teodósio II, e do poema de Hamat Gader.

A metaperformance caipira: por uma tradução que dê corpo às Búcolicas de Virgílio

Fabio Cairolli

Esta apresentação pretende descrever o horizonte tradutório a partir do qual estabelecemos os parâmetros que norteiam nossa tradução das Bucólicas, de Virgílio, nosso projeto atual. Para tanto, partiremos dos problemas teóricos que nos levaram a traduzir a Eneida e as Geórgicas em cordel exporemos os principais pontos da estética das Bucólicas que temos acolhido. Por fim, apresentaremos alguns resultados preliminares.

Vivas lápides: memórias de vidas, da Grécia antiga ao hoje

Giuliana Ragusa

A palestra discutirá a recepção da tradição grega antiga do epigrama tumular em duas obras: uma situada na primeira década do século XX, Antologia de Spoon River, do poeta estadunidense Edgar Lee Masters, que traduzi com Bruno Costa (Editora Ex Machina, 2024); a outra desta segunda década do século XXI, Os mortos (Ateliê Editorial, 2025), do poeta brasileiro Paulo Franchetti. Movendo-se da pedra à poesia, o que por si só já é notável, tal tradição será ampliada em seus temas, na medida em que amadurece o gênero poético, mas nunca dela se perde a origem: o epigrama-epitáfio continuará a ser praticado, e com elementos nítidos nas lápides, tais como o de dar voz aos mortos que em suas falas mais condensam suas vidas no que lhes foi essencial do que a lamentam e à morte que as findou. Deslocada por Masters a um vilarejo do Meio-Oeste de seu país, a antiga tradição grega deu-lhe a forma pela qual conta a história do lugar em que viveu – história feita das pessoas que o habitaram, cujas vozes ouvimos das lápides assim tornadas vivas no cemitério de Oak Hill. Trazida ao cenário interiorano paulista por Franchetti, na esteira da leitura da obra de Masters, a tradição se desdobra: em vez de falarem apenas os mortos, fala-lhes em seguida a voz de quem os conheceu, de modo que não apenas temos a memória de suas vidas aos seus próprios olhos e na percepção de quem vivo deles se recorda. Comentar esses deslocamentos e desdobramentos engendrados na recepção do epigrama tumular é o objetivo da palestra.

Prosa poética em Heráclito e Górgias: algumas semelhanças e diferenças

Martim Reyes da Costa Silva

Conhecidos na antiguidade greco-latina pelos estilos peculiares e marcadamente poéticos de suas obras, tanto Heráclito quanto Górgias parecem ter causado considerável impacto nos círculos intelectuais da época, assim como influência sobre autores posteriores. Entre outras semelhanças (e diferenças), talvez o aspecto em comum mais marcante dos seus estilos seja um entrelaçamento denso de recursos estilísticos, que hoje chamaríamos de “figuras de linguagem”. Nesse brevíssimo estudo, proponho uma comparação entre alguns desses recursos, salientando algumas semelhanças e diferenças nos usos de cada autor, a partir do conjunto de fragmentos de Heráclito e do *Elogio de Helena* de Górgias. Em especial, busco

ressaltar os usos de “jogos de linguagem” que trabalham com a sonoridade das palavras e das frases (como paromásias, aliteraões, homoteleutos, assíndetos e quiasmos) e com polaridades e aproximações semânticas (como antíteses e metáforas). Por fim, pretendo indicar, ainda de maneira preliminar, como em muitos casos, em ambos os autores, tais jogos sonoros e semânticos fundamentam-se na própria noção de *lógos*, que, entendido como composição discursiva e como linguagem, é reiteradamente remetido enquanto objeto de reflexão.

Notas sobre a noção de *ergon* humano em *Ética Nicomaqueia* I

Vivianne de Castilho Moreira

Um dos poucos consensos sobre a filosofia de Aristóteles repousa na tese, a ele atribuída, de que o ser humano enquanto tal tem uma função que lhe é própria. Esse consenso está calcado na tradução da palavra *ἔργον* por *função* no trecho 1097b22-1098a15 de *Ética Nicomaqueia* I, no qual Aristóteles é considerado argumentar em favor de se conferir um *ἔργον* ao ser humano. Pretendo apontar duas fragilidades inerentes a esse consenso. A primeira reside na tradução de *ἔργον*. A fragilidade nesse caso emerge não tanto da escolha do termo *função* no trecho indicado, mas na escolha de um termo que descole as ocorrências de *ἔργον* na passagem das ocorrências do mesmo *ἔργον* introduzido já nas primeiras linhas da obra (1094a3-6). Como buscarei mostrar, esse descolamento quebra a linha argumentativa desenvolvida no texto graças à qual resulta legítimo pretender um *ἔργον* ao ser humano. Esse quebra conduz à segunda fragilidade do consenso. Descolada das linhas iniciais do texto, a atribuição de um *ἔργον* ao ser humano demanda que se procure uma outra justificativa, que se consensuou exposta no próprio trecho mencionado, entre 1097b22 e 1098a15. A dificuldade é que o que lemos nesse trecho não se habilita como uma prova válida da tese, o que tem conduzido estudiosos diversos a acusar Aristóteles de falácia. Como também buscarei mostrar, o papel desse trecho na argumentação não é apresentar uma prova da tese, pois isso já foi feito antes, nas linhas iniciais da *Ética Nicomaqueia*, mas sim fornecer um fio condutor para se descobrir qual é o *ἔργον* humano, uma vez já tendo sido provado haver um tal *ἔργον*.

Tempestade e andamento narrativo na *Tebaida*

Fernanda Messeder Moura

Recurso tradicional na poesia épica, o atraso do andamento da narrativa (*mora*) constitui mecanismo essencial na composição poética. No canto 5 da *Tebaida* ele se dá na forma de uma narrativa dentro da narrativa por meio da história de Hipsípila. Nesta palestra, analisarei a tempestade (5. 361-430) como parte desse mecanismo, em contraste com a tempestade no aceleração narrativo do primeiro canto nos versos 345-446.

A representação da pesca e dos pescadores no corpus bucólico grego

Alessandro Rolim de Moura

Nesta apresentação discutimos como o trabalho dos pescadores é cantado na bucólica grega, uma produção poética que se desenvolve ao longo de aproximadamente 200 anos, no Período Helenístico, e gira em torno da figura de Teócrito. Procuramos relacionar o tratamento bucólico desse tema com a imagética da pesca em outros textos da literatura grega e analisamos algumas passagens da poesia bucólica "piscatória" tanto em sua alusão a aspectos da sociedade da época (principalmente, o *status* social dos pescadores) quanto no que concerne a sua pertinência para questões ambientais (especialmente, a relação entre os seres humanos e o mar). Essa temática do *corpus* bucólico é comentada em suas

conexões com outros elementos desse conjunto de poemas, na tentativa de desvendar o papel da pesca na obra de Teócrito e seus seguidores.

Antes e depois da flor dourada: a alquimia greco-egípcia na obra de C. G. Jung

Fabiana Lopes

Pouco se reconhece que, em *Transformações e Símbolos da Libido* (1911-1912), o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung já menciona textos do alquimista greco-egípcio Zósimo de Panópolis (ca. 300 AEC). Nesse trabalho, que antecede a sua ruptura com Freud, Jung discute supostas “imagens primordiais” – incluindo as alquímicas – em termos de um processo de regressão da libido a um estágio arcaico da evolução humana. Já quando Jung passa a aprofundar o seu conhecimento da literatura alquímica anos após a sua ruptura com Freud, ele sugere algo diferente: para ele, a ocorrência de certas imagens arquetípicas em experiências de seus pacientes revelaria a continuação de um processo de desenvolvimento coletivo que teria ganhado corpo durante a Antiguidade tardia – uma hipótese que Jung busca fundamentar por meio de escritos alquímicos de Pseudo-Demócrito e (mais uma vez) Zósimo de Panópolis. Sendo assim, esta palestra investigará, por um lado, as formas como a recepção junguiana da alquimia greco-egípcia mudou ao longo de sua trajetória; por outro, proporá que, apesar dessas mudanças, Jung nunca deixou de recorrer à Antiguidade de modo a realizar as suas observações psicológicas a partir de uma perspectiva também histórica, ainda que problemática para os padrões atuais.

Comunicações

O dilúvio de Ovídio

Matheus Leschnhak

O topos do dilúvio está presente em mitos das mais diversas culturas ao redor do mundo. Nessa comunicação, irei me deter mais precisamente no dilúvio narrado nas Metamorfoses de Ovídio e compará-lo com o episódio correlato do Gênesis, da Bíblia, apoiado em Alan Griffin (1992) e K. F. B. Fletcher (2010), numa abordagem intertextual, na esteira de Tiphaine Samoyault (2008). Ainda, numa leitura mais detida do dilúvio de Ovídio, valendo-me de reflexões de Italo Calvino (1993) e Ezra Pound (2013), e recorrendo também à comparação entre um mesmo trecho das Metamorfoses vertido por dois tradutores diferentes, Raimundo Carvalho (2010) e Manuel Maria do Bocage (2015 [séc. XVIII]), proponho que a obra do autor latino, a partir desse episódio específico, pode ser lida como uma “poesia diluviana”.

O fruto da vida: uma leitura do primeiro poema do Cântico dos Cânticos

Thyago Córner Derenne

O amor é uma eterna primavera, e assim ele é apresentado pelo *Cântico dos Cânticos* por meio de seus recursos lírico-estruturais. Um texto extremamente dinâmico e vivo que propõe constantes formas e imagens que se desenvolvem enredando-se através da obra, apresentando um arcabouço diversificado de sensações que orbitam a experiência amorosa, particularmente erótica. Os amantes, a natureza, o sexo, o local de encontro, tudo se mescla e se torna objeto integrante e participativo do amor e do prazer que resulta desse amor. Este trabalho é um olhar rápido, mas profundo no espírito que perpassa o primeiro poema do *Cântico*, e sugere um método e uma chave de leitura holística e natural para o restante da obra. O que se propõe, baseando-se na unidade lírica do conjunto desse livro, é uma leitura do primeiro poema que explicita a experiência estética que o *Cântico* pode proporcionar por

meio de suas dinâmicas de presença/ausência, de posicionamento dos amantes entre si e entre os leitores, e de associação constante dos amados com os elementos da natureza: ora belos, ora cheios de vida; ora fecundos, ora transbordantes de prazer. As bases desse ensaio são, para tal, ademais de diversas obras filosóficas, o trabalho filológico e histórico incontornável de Marvin H. Pope em *Song of Songs* (1982), e o extenso comentário de mesmo nome por J. Cheryl Exum em *Song of Songs* (2005), que compendia e se serve de todos os comentários acadêmicos de relevância até então. O que se evidenciará é que, apesar do enraizamento na noção tradicional da dinâmica erótica e relacional entre Amado e Amada, o poema propõe uma compreensão centrada no ponto de vista feminino, não só por essa ser a voz protagonista e mais expressa no texto, mas porque, diferentemente de um relacionamento egoísta e interesseiro, o Amado se põe ao serviço da Amada, não para alcançar o seu próprio gosto, mas para que ela o alcance e possa usufruir dele, que em última instância, é o seu amor, ou melhor, ele mesmo, visto que o amor consiste necessariamente na entrega total de si. A dimensão erótica trata, entre outras coisas, do gozo ligado a essa posse e entrega mútua, que nos termos do *Cântico* é, para a Amada, comparável a degustar o melhor e mais doce fruto. O fruto do amor, o fruto da vida.

Tradução e recriação na poesia de Prudêncio

Celso Henrique Siller Baptisti

Traduzir é dar o texto à voz, ao reintroduzi-lo num novo sistema literário. Traduzir uma obra largamente distanciada pelo tempo é, pois, resgatar outro tipo de poética e reinseri-la em novo presente – processo pelo qual a produção literária latina passou quando recepcionada em língua lusitana. A tradução desses textos em línguas vernaculares conta com uma longa tradição estabelecida, em que distintos modelos estéticos e opções formais foram experimentados, a fim de proporcionar novas experiências de leitura e recepção sobre autores da Antiguidade. A poesia latina tardo-antiga cristã – situados aqui especialmente os séculos IV-V –, entretanto, passou por um longo período de marginalidade, que se estende em língua portuguesa até o presente: Paulino de Nola (c.355-431) e Célius Sedúlio (séc. V), por exemplo, carecem ainda hoje de traduções. Aurélio Prudêncio Clemente (348-c.410), autor de produção poética formal e tematicamente diversa, também era até as últimas décadas alvo dessa insulação, circunstância gradualmente alterada pelo aparecimento de traduções vindas sobretudo do meio acadêmico. Este trabalho tem por objetivo geral, portanto, apresentar elementos gerais da poética tardo-antiga, a partir de Charlet (1988) e Kaufmann (2022), e dimensionar o estado atual da poesia prudenciana recepcionada e traduzida no Brasil. Depois, analisar os procedimentos formais e fundamentações teóricas – segundo Walter Benjamin (2018), Antoine Berman (2009; 2013) e Haroldo de Campos (2015) – empreendidos em uma nova tradução, em dodecassílabos, da *Psychomachia*, compreendendo este trabalho como parte do panorama tradutório estabelecido de textos clássicos de mesmo(s) gênero(s).

A noção de clássico na poesia finissecular oitocentista brasileira

Pedro Biaobock

A comunicação tem como objetivo apresentar as noções de clássico, literatura e arte poética presentes na poesia brasileira do fim do século XIX em comparação com a literatura clássica produzida na antiguidade greco-latina. Assim, uma leitura comparativa entre textos que tratem diretamente do ofício da criação poética e do caráter da poesia – como 'O Sonho ou vida de Luciano', de Luciano de Samósata (2012) -

serão comparados com poemas do período especificado acima, como 'Profissão de Fé' (1888) e 'A um poeta' (1919), de Olavo Bilac, assim como 'Acrobata da Dor' (1893), de Cruz e Souza. No texto citado de Luciano, a "Cultura" (ou seja, a poesia) opõe-se diretamente à "Escultura", enquanto nas obras de Bilac parece haver o movimento oposto, na medida em que o trabalho e o labor do poeta parecem assemelhar-se àquele da "Escultura" e não ao da "Cultura". Nesse sentido, esses poemas serão comentados no intuito de mostrar quais eram as concepções de literatura e poesia clássicas presentes nessas obras, assim como quais eram as diferenças entre aquilo que se entendia quanto à poesia na obra de Luciano e, posteriormente, na obra desses dois poetas brasileiros oitocentistas. A comunicação tentará mostrar, comparativamente, como a retomada do mundo clássico, pela via da poesia parnasiano-simbolista brasileira, gera uma interpretação, assim como uma releitura, muito particular do universo greco-latino no imaginário poético neoclássico finissecular oitocentista brasileiro.

O sopro das deusas sobre Demofonte no “Hino Homérico II a Deméter”

Natalia Zaniol Kayamori

A pesquisa em questão evidencia e analisa as consequências para o bebê Demofonte do seu convívio junto a uma Deméter enlutada no “Hino Homérico II a Deméter”. Rubin e Deal (1980) defendem que, ao tomar Demofonte para si num momento de desespero e o colocar no fogo, Deméter causa mudanças ontológicas no bebê. Defendo, nesta pesquisa, que tais mudanças, de certa forma, aproximam Demofonte do status divino e o igualam, mesmo que parcialmente, a deusa Perséfone. Para aprofundar o tema, utilizo os estudos de Burton (1996) sobre imortalidade na literatura grega arcaica, assim como a teoria de Vernant (2009) quanto ao papel do fogo na mitologia grega. Utilizo como apoio também o comentário de Foley (1999) ao “Hino Homérico II a Deméter”. Busco demonstrar que, após seu encontro com Deméter, Demofonte passa a estar vinculado de forma definitiva à deusa e se aproxima, ainda que de maneira parcial, do domínio do divino.

Hera tem olhos bovinos, Helena tem olhos de cão: uma análise da palavra κυνώπης e proposta de tradução feminista

Layla Gabriel de Oliveira

Essa comunicação tem como objetivo analisar o que significa a palavra κυνώπης (HOM. OD. IV, v. 145) e como a tradução dela para o português por “cadela” (Lourenço, 2003) ou “cara-de-cadela” (Werner, 2014) afeta negativamente a leitura da personagem Helena. Neste trabalho, conduzo uma breve análise do que representava o ethos do cão na obra homérica através dos usos dos termos κύων/κύνες, argumentando que “cadela” seria uma tradução inadequada e misógina pois, no contexto em que aparece, dá a entender que Helena está assumindo que foi seu comportamento promíscuo que causou a guerra de Tróia, algo que não está implicado no texto original. Para pensar em traduções mais adequadas, me baseio em Crepaldi (2012), Sais (2014), Anne Carson (1990) e nos fragmentos de Sêneca de Amorgos. E, para discutir como a misoginia contemporânea repercute na leitura dos textos antigos, me apoio na classicista Donna Zuckerberg (2018) e nas reflexões da professora de Estudos Clássicos e tradutora da Odisseia, Emily Wilson (2018). Ademais, analiso a solução de Wilson para o inglês, que a tradutora diz ter sido sua forma de garantir que a sua Helena, “como a do original, se abstivesse de culpabilizar a si mesma pelo que homens fizeram em seu nome” (Wilson, 2018, p. 89).

A Verdade Trágica: uma análise sobre poder e gênero em Édipo Rei de Sófocles

Gabriela Beduschi Guadagnin

O presente trabalho analisa a peça Édipo Rei de Sófocles a partir do Teatro Grego Antigo. Busco compreender quais personagens possuem o poder da verdade na peça, utilizo para isso as teorias apresentadas por Paul Miller em sua obra Foucault's Seminar on Antiquity: Learning to speak the Truth (2019), pois a partir de Foucault, o autor estabelece uma série de questões sobre verdade, linguagem e poder. Para além, também utilizo as reflexões do livro Que sabe de si: o híbrido, a memória, a fúria, de Guilherme Gontijo Flores (2023), e outras leituras base como: O Teatro Grego em Contexto de Representação, de Isabel Castiajo (2012), Estudos sobre o teatro antigo, de Zélia Cardoso e Adriane Duarte (2010) e O feminino na literatura grega e latina, organizado por Elaine dos Santos, Kátia de Azevedo e Maria Aparecida Silva (2023). O objetivo é investigar a linguagem performática do teatro antigo e o exercício do poder nas ambiguidades e duplos significados das personagens. Focalizo na questão feminina e como sua voz se insere nestas dinâmicas. Para a análise da linguagem utilizei a tradução de Édipo Rei de Jaa Torrano, pela Editora Mnema (2022). Na narrativa, Édipo e Jocasta são possuidores do poder e ditam a verdade em seus contextos como rei e rainha de Tebas. Entretanto, necessitam da afirmação do Mensageiro e do Pastor para concluir a tragédia e o crime que cometeram. Jocasta, em sua posição de personagem feminina protagonista, possui o poder da fala e é escutada, mas sabemos que a realidade das mulheres gregas do período era outra. A partir disso, investiguei quem controla esses discursos e se há espaço para o feminino como sujeito da verdade na tragédia. Ao mesmo tempo em que a peça reproduz as normas patriarcais da Grécia antiga, ela também se desafia pela ambiguidade, pela performance e pela construção dessas personagens.

A cosmologia antiatomista de Virgílio

Thiago Moraes de Paula

Conforme o título indica, o presente trabalho apresentará a relação cosmológica entre a *Eneida* [*Aeneis*] de Virgílio e a filosofia “atomista” a partir da recepção intertextual que o poeta faz da poesia filosófica de Lucrécio [*De Rerum Natura*]. É possível observar que as diferenças cosmológicas entre os dois autores se tornam manifestas a partir da apropriação intertextual e/ou alusiva dos versos lucrecianos na épica virgiliana. Por sua vez, tal modo de apropriação poético-filosófico realizado por Virgílio é pensado tendo em vista dois conceitos explicitados por dois comentadores contemporâneos: o primeiro conceito, de *remitologização*, foi elaborado por Philip Hardie em *Cosmo & Imperium* (1986), já o segundo, a *alusão polêmica*, trata de um conceito reelaborado por Matthew Gorey em *Atomism in the Aeneid* (2021). O primeiro é o processo de retomada do aspecto “supernatural” do cosmos (a partir de uma passagem desmitologizada em *DRN*) por parte de Virgílio, mas ainda mantendo a linguagem “científica” do poeta materialista (*cf.* Hardie, 1986, p. 187). Por sua vez, a alusão polêmica aponta para o uso do texto de Lucrécio na *Eneida* em que há uma retenção do vocabulário e do sentido filosófico de *DRN* em vista de utilizá-lo como símbolo de desordem física, política, cósmica e religiosa que surge em um cosmos não-teleológico (*cf.* Gorey, 2021, *passim*). Tal formulação sobre a relação entre os dois poetas latinos visa enfatizar, como dito acima, o conflito cosmológico que se estabelece na épica virgiliana a partir da recepção da obra de Lucrécio, em que o poeta mantuano aponta para noções de ordem e desordem que distam das doutrinas materialistas na antiguidade. Assim, a proposta geral da comunicação é apresentar passagens da *Eneida*, em comparação com trechos de *De Rerum Natura*, nas quais podemos observar esse

duplo processo de remitologização e de alusão polêmica – que, assim, nos revelam o pensamento filosófico de Virgílio sobre a natureza das coisas.

Causalidade e liberdade no De Fato de Cícero

Gabriel Domingues da Silva

O De Fato, de Cícero (CICERO, De Fato, 1942), discute um problema central da filosofia antiga: a relação entre causalidade, necessidade e liberdade. Embora incompleto, o texto preserva argumentos decisivos contra duas posições clássicas. De um lado, o determinismo rígido, associado a Demócrito e aos fisicalistas, segundo o qual tudo se daria por necessidade inescapável; de outro, a solução epicurista do *clínamen*, que introduz o acaso como fundamento da liberdade. Para Cícero, ambas são insatisfatórias: a primeira destrói a responsabilidade moral e política; a segunda dissolve a ação racional em pura contingência. A discussão sobre causalidade em Cícero não se restringe ao De Fato, mas, também encontra continuidade no De Divinatione (CICERO, De Divinatione, 1923), diálogo no qual o autor examina a possibilidade de previsão dos acontecimentos e, portanto, a relação entre destino e necessidade. Ambos os textos se complementam ao investigar se a ordem causal do mundo compromete ou não a liberdade humana. Nesse contexto, o De Fato representa o esforço de Cícero em articular uma posição compatibilista, capaz de conciliar racionalidade e responsabilidade moral no interior de uma ordem natural não fatalista. Sua alternativa é uma reformulação compatibilista, na qual a liberdade não é concebida como indeterminação absoluta, mas como espaço efetivo de ação dentro de uma ordem causal que não se confunde com necessidade fatal. Assim, a vida ética e política, com suas práticas de louvor, censura e justiça, permanece possível.

Neste sentido, a comunicação pretende examinar a reelaboração que Cícero faz da relação entre necessidade e liberdade. Ao recusar soluções que apelam ao acaso ou à arbitrariedade, Cícero propõe uma noção de liberdade com consequências para a noção de causalidade, tendo em vista que, para ele, essa reformulação se ancora sobretudo em preocupações éticas e políticas, embora também concernentes a aspectos ontológicos e éticos fundamentais.

Todos os caminhos passam por essa língua: todas as vozes do futuro na necessidade do silêncio constitutivo do dizer

Giovani Gabriel Cazaroto Principe

O poema Alexandra atribuído a Lícofron de Cálcis foi considerado ainda em épocas antigas como o poema obscuro por tentar apreender a disposição linguística de uma profetiza tida por louca e amaldiçoada. Logo, essa composição poética encontra-se alhures em relação às práticas de uso da linguagem do cotidiano e até mesmo da poesia, pois ela emula a tentativa de apreender, nas restrições da língua humana, a mentalidade divina conhecedora do destino, ou das muitas possibilidades de destino. Em que consistiriam as características e os meios culturais que possibilitam esse trabalho de linguagem que fica na borda entre o humano e o sobrenatural, é o que indaga o projeto de pesquisa em andamento que dá origem à presente comunicação. Para tanto, recorre-se às perspectivas de análise de Pillinger (2019) para a linguagem profética e oracular, bem como aos estudiosos da cultura e religião grega como Burkert (1993) e Dodds (1998); levando-se, ainda, em consideração pressupostos de análise semântica levantados por Chierchia (2003) e disposições de análise discursiva encontradas em Milner (2012) e Pêcheux (2006).

Pôde-se, até o momento, constatar que a linguagem altamente figurativa empregada por Lícfron carrega em cada termo a equivocidade da disjunção, permitindo a aplicação dos vaticínios a uma pluralidade de situações, ou seja, a uma infinidade de destinos possíveis.

Abracadabra: revisão bibliográfica da magia e medicina em *Liber Medicinalis*

Thiago Gutierrez Brandão Pontes

O *Liber Medicinalis* de Quintus Serenus Sammonicus (séculos II–IV d.C.) é um salutíferum carmen em hexâmetros, inserido na tradição da literatura euporista, visando transmitir remédios fáceis de obter (Brodersen 2017). O objetivo é analisar a intersecção entre a medicina popular e os elementos mágico-religiosos presentes na obra. O objeto de pesquisa é o poema de Sammonicus, uma coleção de 1.107 versos em hexâmetros dactílicos, organizada a capite ad calcem (da cabeça aos pés) em 64 capítulos (Pépin 1950). A bibliografia básica que sustenta o texto remonta à *Naturalis Historia* de Plínio, o Velho, e o estudo filológico baseia-se em edições críticas como as de Vollmer (1916), Pépin (1950) e Brodersen (2017). Destaca-se a inclusão da palavra mágica ABRACADABRA (Cap. LI, vv. 935–940), a evidência mais antiga dessa fórmula, recomendada como um triângulo inscrito em papiro para afastar a febre de um dia e meio (*hemitritaeo*), cuja principal causa seria a malária. O poeta utiliza a versificação para facilitar a memorização do conhecimento útil, insinuando uma postura similar a de um proto-divulgador científico. Os principais resultados da revisão bibliográfica demonstram que a obra compõe o aconselhamento médico à magia romana, incluindo amuletos e *voces magicae* (Perini 1999).

“Uma moeda deve me pagar”: a figura de Caronte no neotropicalismo incipiente

Matheus Scartezini Pedrini

A presente comunicação tem como objeto a execução e a análise da canção Caronte do incógnito compositor neotropicalista Matheus Coragem, que está contida em seu proto-álbum *Esboços de Pescoço*, o qual foi distribuído nas plataformas digitais no ano de 2024. Dentre as treze músicas do proto-álbum, Caronte, além de ser uma de suas mais antigas composições (que data de 2015), foi a canção que mais permaneceu a mesma, escapando das diversas recomposições das quais as outras canções não o conseguiram. A comunicação se dará em três momentos: 1) apresentação integral da canção em formato voz e violão; 2) análise harmônico-melódica da canção (desconstrução composicional e exposição do “background” do processo criativo); e 3) análise da lírica e da letra (papel da segunda pessoa no formato canção e construção de Caronte como eu-lírico).

Samba pra Catulo

Gabriel Domingues da Silva

A comunicação pretende apresentar o Poema 8 de Catulo (CATULO, *O Livro de Catulo*, poema 8, trad. OLIVA NETO, 2024, p. 194) performado em samba, com voz, violão e saxofone alto. Partindo da tradição poética na qual a poesia era também entoada e cantada como algo próximo daquilo que conhecemos por canção. Ao buscar na poesia de Catulo uma musicalidade que dialoga e, neste sentido, aproxima a poesia clássica da música popular brasileira, encontra-se um diálogo entre tradução, performance, música e as letras clássicas. Deste maneira, o objetivo é também expor o processo de adaptação do poema à canção, ainda que nos limites do conhecimento artístico-musical, do arranjo geral, destacando as escolhas harmônicas e melódicas, as relações entre letra, melodia e harmonia. Dessa forma,

torna-se possível elucidar certos aspectos de uma interpretação possível da poética catuliana e refletir sobre o diálogo entre música popular brasileira e poesia clássica.

A épica no mito: Exílio e Vergonha

Pietro Lepre Maingue

Nas “Metamorfoses”, do poeta Públio Ovídio Nasão, canta-se não a jornada de um único herói, mas as formas mudadas em novos corpos. Neste poema, cerca de 250 mitos greco-romanos são emaranhados a fim de conduzir uma narrativa em que a metamorfose é tida como sacrifício, punição ou salvação. Por meio da mitologia, é possível perceber a articulação de complexos valores greco-romanos, como *nostos* e amor *patriae*. Diante disso, esta comunicação quer explorar a função do mito de Dédalo e Ícaro. O objeto de análise é a tensão entre o desejo de retorno à pátria e a alienação desta pátria por meio do exílio. Para tanto, a análise toma como base a tradução de Milton Marques Júnior para o Livro VIII da obra e como norteadores teóricos, abordarei as discussões realizadas por Albino (2006), Sebastiani (2006) e Kelly (2006). A história de Dédalo e Ícaro é analisada buscando a partir do exílio, uma interpretação de Dédalo como uma figura trágica, impulsionado pelo amor à pátria, mas cuja genialidade transgressora o leva à ruína. Ao final, destacam-se os principais resultados provenientes desta pesquisa, a partir da conclusão de que o contraste entre a nobre motivação de Dédalo e a sua arrogância intelectual problematiza a complexa e, por vezes, trágica condição do exilado no mundo clássico, o que possivelmente reflete a própria condição de Ovídio como poeta exilado.

A épica no mito: a Apoteose do Império

Otavio Cardoso Todorovski

Nas “Metamorfoses”, do poeta Públio Ovídio Nasão, canta-se não a jornada de um único herói, mas as formas mudadas em novos corpos. Neste poema, cerca de 250 mitos greco-romanos são emaranhados a fim de conduzir uma narrativa em que a metamorfose é tida como sacrifício, punição ou salvação. Por meio da mitologia é possível perceber a articulação entre os valores morais romanos do período augustano e o papel destes na construção da ideia da grande Roma. Diante disso, esta comunicação tem como objetivo explorar a função do mito na poesia épica, a fim de investigar seu papel na fundação da Roma do imperador Augusto. Para tanto, tomarei como base a tradução de Gonçalves (2023). Como norteadores teóricos, abordarei as discussões realizadas por Carroll Moulton (1973), Charles Segal (1969), Douglas Little (1972) e Brooks Otis (1938). Será analisada a apoteose de Júlio César e a celebração de Augusto (v. 745-870). A narrativa descreve como Vênus arrebatou a alma de César, transformando-a numa estrela que, ao cruzar os céus, reconhece que os feitos de seu filho Augusto são maiores que os seus. O poema então se encerra com uma prece pela longa vida do imperador na terra e por sua eventual e tardia ascensão divina. Além disso, serão destacados os principais resultados provenientes desta pesquisa, a partir da conclusão de que o tratamento do mito de Augusto funciona como um complexo comentário sobre a relação entre a poesia e o poder, demonstrando como Ovídio tanto legitima o regime quanto afirma a autonomia e a perenidade da sua própria arte.

A épica no mito: a desmedida de Aracne

Catarina Zandonade De Paula

Nas metamorfoses, do poeta Públio Ovídio Nasão, canta-se não a jornada de um único herói, mas as formas mudadas em novos corpos. Neste poema, cerca de 250 mitos greco-romanos são emaranhados a fim de conduzir uma narrativa em que a metamorfose é tida como sacrifício, punição ou salvação por meio da mitologia, é possível perceber a articulação entre os valores morais romanos do período augustano, utilizando a estrutura épica para refletir sobre o uso do poder e natureza volátil da justiça na cultura romana de seu tempo. Diante disso, esta comunicação pretende explorar a dinâmica da punição divina ao recontar as narrativas mitológicas, apresentando uma crítica velada à desmedida (*hybris*) não apenas dos mortais, mas também da severidade das divindades. Particularmente, a discussão concentra-se em examinar como as punições mais extremas e transformadoras são frequentemente articuladas por deusas femininas, desvendando uma complexidade nas relações de poder e na administração da justiça dentro do panteão greco-romano. Para desenvolver essa reflexão, será adotado como texto principal de análise o mito de Aracne, na tradução de Gonçalves (2023), em que a tecelã é punida por Minerva. A metodologia empregada é a análise comparativa entre versões mitológicas e tratamento dado por Ovídio, utilizando o arcabouço teórico dos estudos de mitologia clássica e de recepção à épica (Hardie, 2011). Ao final, serão destacados os principais resultados provenientes desta pesquisa, a partir da conclusão de que o poema, ao enfatizar a crueldade da punição divina, expõe como a estrutura épica é mobilizada por Ovídio para questionar o uso do poder e a natureza inconstante da justiça na sociedade romana de sua época.

A épica no mito: Narciso de Ecos

Luiza Ceccatto de Trotta

Nas “Metamorfoses”, do poeta Públio Ovídio Nasão, canta-se não a jornada de um único herói, mas as formas mudadas em novos corpos. Neste poema, cerca de 250 mitos greco-romanos são emaranhados a fim de conduzir uma narrativa em que a metamorfose é tida como sacrifício, punição ou salvação. Por meio da mitologia é possível perceber a articulação entre os valores morais romanos do período augustano e o papel destes na construção da ideia da grande Roma. Diante disso, esta comunicação tem como objetivo explorar a função do mito na poesia épica, a fim de investigar seu papel na fundação da Roma do imperador Augusto. Para tanto, tomarei como base a tradução de Gonçalves (2023) e o livro de Leminski (2024). Como norteadores teóricos, abordarei as discussões realizadas por Gouvêa Júnior (2012), Ubinha e Cassorla (2003) e Carvalho (1998). Serão analisadas, ainda, as histórias de Eco e Narciso, a partir de diferentes interpretações estéticas e psicanalíticas. Ao final, serão destacados os principais resultados provenientes desta pesquisa, a partir da conclusão de que o jogo de contraste entre as duas narrativas pode ser uma forma de problematizar as conflituosas questões de alteridade no universo romano.

Helenismos de léxico nas *Bucólicas* de Virgílio

Cecília Debiasi Duarte

Esta comunicação apresenta o uso de helenismos de léxico nas *Bucólicas* de Virgílio. Helenismos são o uso de palavras, formas ou estruturas caracteristicamente gregas que, no caso deste trabalho, são usadas em um texto de língua latina, de acordo com Myers-Scotton (1992). Como a literatura latina foi desenvolvida sob forte influência da grega, o uso do grego no latim é esperado, por isso, investigo os helenismos lexicais sob as lentes de teorias de bilinguismo e *code-switching*, que estabelecem que casos de *code-switching* normalmente ocorrem por uma língua ter mais prestígio sobre a outra, como é o caso do grego no latim. Além disso, noto um caso de dados conflitantes em algumas fontes usadas na pesquisa,

como o dicionário etimológico de Maltby (1991). Por fim, mostro que é possível encontrar evidências do uso de helenismos de léxico nesse formato em Virgílio.